Dia 28 — São Romano, Fundador dos Mosteiros do Monte Jura, Hoje Chamados de São Cláudio

Nasceu São Romano no condado de Borgonha por volta do ano 390. Criaram-no seus pais no santo temor de Deus, e assim a meninice como a juventude a passou com grande inocência. Pela retidão de seu coração e pela pureza de seus costumes foi desde então respeitado como santo. Tinha Romano desejo verdadeiro de sê-lo; e, parecendo-lhe que o mundo estava cheio de escolhos para a virtude, resolveu buscar mais seguro abrigo para a inocência no retiro e na solidão.

Achando-se pouco instruído na vida monástica, desconhecida então naquele país, determinou ir visitar um santo abade de Lyon, chamado Sabino, para aprender em seu especial magistério a ciência da salvação e os caminhos retos da perfeição evangélica.

Os grandes exemplos que observou naquela religiosa comunidade avivaram-lhe de novo os desejos de imitá-los. Ensinado em tão boa escola, retirou-se dela com muitos aumentos de fervor, levando consigo o livro das vidas dos santos padres e as instituições dos abades, que se crê serem as conferências de Cassiano.

Resolvido a praticar ele só todas as virtudes que admirava nos outros, foi esconder-se entre as matas do Monte Jura, que separa o Franco-Condado do país dos suíços, dentro dos limites da diocese de Lyon. Encontrou naquelas íngremes montanhas um vale chamado Condat, em meio do qual se elevava um pinheiro de enorme corpulência, cujos ramos horizontalmente estendidos e entretecidos entre si formavam uma espécie de teto bastante unido, tanto para não dar entrada aos raios do sol como para defender da chuva. Ao pé dele, ou não muito distante, brotava uma fonte de água cristalina rodeada de algumas sarças, que produziam certa espécie de frutinha como azeroladas silvestres, de gosto insípido e azedo. Determinou ficar naquele sítio, passando nele alguns anos em perfeita solidão, tão esquecido do mundo como o mundo havia sido esquecido dele.

Empregava grande parte do dia e da noite em meditar as grandes verdades da Religião, em cantar salmos e em considerar as misericórdias do Senhor. O restante do tempo o ocupava já em cultivar um curto espaço de terra, já em ler as vidas dos padres e as instituições dos abades, podendo

dizer-se que mal interrompia seus exercícios o breve sono e repouso que tomava.

Já havia muitos anos que nosso santo estava como enterrado vivo naquela horrorosa solidão, quando uma noite apareceu a seu irmão segundo, chamado Lupicino, a quem havia deixado no mundo, convidando-o a que viesse juntar-se com ele para participar das celestiais doçuras que gozava no deserto. Despertou Lupicino e, movido da visão, deixou seu pai e sua irmã e foi no mesmo instante fazer-se discípulo de seu santo irmão.

Eram tão grandes os progressos que os dois fervorosos solitários faziam no caminho da virtude que não era fácil que os deixasse tranquilos o inimigo comum de nossa salvação. Refere Gregório de Tours que o demônio tentou afastá-los do deserto com todo gênero de tentações e, sobretudo, fazendo cair sobre eles uma forte chuva de pedras sempre que se punham em oração. Saiu-lhe bem este artifício, porque, como os dois novos solitários eram muito bisonhos e estavam pouco aguerridos nesta espécie de combate, tomaram a resolução de desamparar aquele sítio para buscar outro onde vivessem mais sossegados. Indo já de caminho, foi-lhes preciso hospedar-se em casa de uma boa mulher, a qual, sabendo por eles a causa de sua fuga, representou-lhes com tal viveza o dano que se faziam em render-se à tentação e falou-lhes com tanto zelo que, envergonhados de sua covardia, voltaram atrás e na mesma hora se restituíram a sua antiga solidão.

Seguiu-se a esta generosa resolução novo aumento de fervor, estendendo-se tanto por todas as partes o bom odor de sua virtude que em pouco tempo lhes atraiu grande número de discípulos. Os primeiros que, com não curto trabalho, descobriram o lugar onde estavam escondidos nossos santos foram dois jovens eclesiásticos de Noyon, aos quais seguiram tantos outros que foi mister edificar um mosteiro, sendo este o princípio da célebre abadia de Condat, que foi chamada depois de São Oyend, discípulo de nosso santo, e finalmente de São Cláudio, bispo de Besançon, que, tendo renunciado o bispado, se retirou a ela, e cujo santo corpo se conserva ali até hoje todo inteiro, fazendo grande número de milagres.

À fama dos muitos que cada dia obravam nossos santos em seu deserto, concorreu tanta multidão de gente que foi preciso edificar outro segundo mosteiro num lugar imediato chamado Lauconne; e, embora o humor e o gênio dos dois santos irmãos fosse muito diferente, o Espírito Santo os uniu com tão perfeita conformidade de vontades que nenhuma coisa pôde jamais descompor nem sequer alterar sua harmonia.

São Lupicino era de gênio austero e duro, severo para si e não menos severo para os outros, e de uma rigidez inflexível; mas São Romano era seu corretivo, sendo por caráter afável, indulgente e doce; na verdade austero para si, mas suavíssimo para os outros, de cujas misérias sabia compadecer-se.

Governava cada um dos santos separadamente seu mosteiro; mas a regra e o espírito eram um mesmo. Não é fácil explicar o fervor, a solidão e a penitência daqueles santos religiosos; sua piedade, o total desapego de todas as coisas, seu contínuo silêncio e as demais virtudes que praticavam eram o assunto da admiração e dos elogios de toda a França; mas faltou pouco para que o artifício do inimigo comum desse em terra com aquela santa obra.

Chegou um ano mais abundante que os demais e, aumentando-se as provisões do mosteiro, julgaram alguns religiosos pouco mortificados que também devia aumentar-se a ração dos monges. Começaram as queixas, e seguiu-se a elas o perturbar-se a paz do mosteiro de Condat. Temendo São Lupicino que a demasiada brandura de seu irmão não seria bastante para remediar aquela desordem, propôs-lhe que por algum tempo trocassem de governos, que ele se encarregaria por alguns meses do de Condat e que Romano governasse entretanto o de Lauconne.

Consentiu Romano; mas, apenas Lupicino começou a penitenciar os monges imperfeitos, quando numa só noite escaparam do mosteiro grande parte deles. Com sua fuga restituiu-se a paz à casa; mas Romano afligiu-se tão extraordinariamente que, com suas lágrimas, com suas orações e com seus gemidos, moveu a compaixão o Pai das misericórdias e conseguiu de sua piedade o arrependimento e a conversão dos fugitivos, que todos voltaram ao mosteiro cheios de uma viva dor e repararam depois com sua penitência e com seu fervoroso porte o escândalo que haviam dado com sua apostasia.

Por este tempo, pouco mais ou menos, Santo Hilário, bispo de Arles, achava-se em Besançon, onde julgava poder exercer toda a jurisdição episcopal, em virtude da primazia das Gálias, que pretendia competir-lhe. Ouviu falar da extraordinária virtude de Romano e, desejando vê-lo, mandou chamá-lo. Nas conversações que teve com nosso santo, descobriu nele uma santidade tão eminente que, sem querer dar ouvidos às representações de sua humildade, conferiu-lhe as ordens sagradas e, feito já sacerdote, tornou a enviá-lo a seu mosteiro de Condat.

A nova dignidade só serviu para torná-lo mais humilde e para que sobressaísse mais a religiosa simplicidade de sua conduta, sem que jamais se conhecesse que era sacerdote senão quando se o via no altar.

Mas, crescendo cada dia o número das pessoas que vinham pôr-se sob sua direção e disciplina, foi preciso edificar outros mosteiros. E, como desejassem também muitas donzelas consagrar-se ao Senhor sob o magistério de Romano, edificou para elas um mosteiro em Baume, onde, quando o santo morreu, contavam-se cento e cinco religiosas governadas por uma irmã do mesmo santo, que foi sua primeira abadessa.

Indo Romano visitar o sepulcro de São Maurício, que se venera em Agaune, com seu companheiro Paládio, colheu-os a noite no caminho e, para passá-la, refugiaram-se numa cova onde se recolhiam dois leprosos, pai e filho, que naquela ocasião haviam saído a buscar um pouco de lenha para fazer lume. Quando voltaram, ficaram admirados de ver nela os hóspedes; mas ainda se assombraram muito mais quando viram que Romano se lançou a abraçá-los e a beijá-los, sem ter horror nem asco de sua lepra. Passaram em oração a maior parte da noite, como o costumavam, e ao mesmo raiar do dia puseram-se a caminho. Os leprosos despertaram depois e acharam-se de todo sãos. Sabendo que Romano tomava o caminho de Genebra, adiantaram-se por outro mais breve e contaram a todos o milagre que acabava de obrar-se neles, que, sendo ambos muito conhecidos de toda a cidade, sua vista era o testemunho mais fiel da maravilha. Com isto o bispo e o povo saíram a recebê-lo no caminho e o conduziram a Genebra como em triunfo. Estas honras serviram de grande tormento a São Romano e o obrigaram a voltar o quanto antes a encerrar-se em seu mosteiro, onde poucos meses depois, extenuado e quase consumido por suas grandes e

contínuas penitências, cheio de merecimentos, rendeu o espírito a seu Criador no dia 28 de fevereiro do ano 460, quase aos sessenta anos de sua idade, tendo passado mais de trinta no deserto.

Foi levado o santo cadáver ao mosteiro de Baume, aonde passaram os religiosos de Condat a fazer-lhe os funerais, continuando Deus a honrá-lo depois de morto com os mesmos milagres com que o havia honrado em vida. Os que julgam que São Romano foi religioso beneditino não advertem que São Bento nasceu ao mundo vinte anos depois que morreu nosso glorioso santo.

Parece que a célebre abadia de Condat não tomou o nome de São Romano por não ter ficado nela seu santo corpo, pois até o século décimo terceiro levou o nome de São Oyend, seu terceiro abade, cujas relíquias possui, isto é, até que os grandes milagres que Deus obrou no sepulcro de São Cláudio lhe fizeram dar o nome deste santo.

Martirológio Romano

Em Roma, a festa dos santos mártires Macário, Rufino, Justo e Teófilo.

Em Alexandria, o martírio dos santos Cereal, Púpulo, Caio e Serapião.

Ali mesmo, a memória dos santos presbíteros, diáconos e outros muitíssimos que, no tempo do imperador Diocleciano, assolando uma peste toda a cidade, se dedicaram ao serviço dos empestados e morreram neste santo exercício. Todas as pessoas de piedade os veneraram em todos os tempos como a mártires.

Sobre o Monte Jura, na diocese de Lyon, São Romano, abade, o primeiro que fez vida eremítica naquele deserto, adquirindo tanta fama por suas virtudes e milagres que foi em seguida pai de muitos solitários.

Em Pavia, a trasladação do corpo de Santo Agostinho, bispo, levado a esta cidade desde a Sardenha por disposição de Liutprando, rei dos lombardos.

Missa (oração)

A missa é do comum dos abades, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Romani abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur: Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que a intercessão do bem-aventurado abade São Romano nos torne gratos à vossa Majestade, para conseguir por suas orações o que não podemos por nossos merecimentos: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 de São Paulo aos Filipenses.

Filipenses 3,7-12

> **Latim:** [7] Sed quæ mihi fuerunt lucra, hæc arbitratus sum propter Christum detrimenta. [8] Verumtamen existimo omnia detrimentum esse propter eminentem scientiam Jesu Christi Domini mei : propter quem omnia detrimentum feci, et arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam, [9] et inveniar in illo non habens meam justitiam, quæ ex lege est, sed illam, quæ ex fide est Christi Jesu : quæ ex Deo est justitia in fide, [10] ad cognoscendum illum, et virtutem resurrectionis ejus, et societatem passionum illius : configuratus morti ejus : [11] si quo modo occurram ad resurrectionem, quæ est ex mortuis : [12] non quod jam acceperim, aut jam perfectus sim : sequor autem, si quomodo comprehendam in quo et comprehensus sum a Christo Jesu.

Português: [7] Porém as cousas que me forão lucro, as reputei como perdas por Christo. [8] E na verdade tudo tenho por perda, pelo eminente conhecimento de Jesu Christo meu Senhor: pelo qual tudo tenho perdido, e o avalio por esterco, com tanto que ganhe a Christo, [9] e que seja achado nelle, não tendo a minha justiça, que vem da lei, senão aquella que nasce da fé em Jesu Christo: a justiça que vem de Deos pela fé, [10] para conhecello a elle, e a virtude da sua resurreição, e a communicação das suas afflições: tendo-me conformado a elle na sua morte: [11] por ver se de alguna maneira posso chegar a resurreição, que he dos mortos. [12] Não que a tenha eu já alcançado, ou que seja já perfeito : mas eu prosigo, para ver se de algum modo poderei alcançar aquillo para o que eu tambem fui tomado por Jesu Christo.

Nota

«Em muitas ocasiões haviam dado a São Paulo repetidas provas de seu amor e de sua liberalidade os cristãos de Filipos, cidade da Macedônia, como o mesmo Apóstolo o assegura; e, tendo recebido em Roma, durante sua prisão, novos testemunhos de sua generosa caridade, escreveu-lhes esta epístola no ano 61, mostrando-lhes nela grande ternura e exortando-os a que sejam seus imitadores, porque os apóstolos ensinavam qual devia ser a vida do cristão mais com seus

exemplos que com suas palavras. Dirige-se a carta aos bispos e aos diáconos de Filipos; mas por nome de bispos entende os presbíteros, cujos nomes se confundiam então frequentemente.»

Reflexões

Não há na terra bem, não há fortuna, senão a que se refere a Deus, nosso único e soberano bem. De que serve ao homem ganhar todo o mundo, se perde sua alma? Nada é vantajoso senão o que conduz à salvação.

O ilustre nascimento ensoberbece; os grandes bens de fortuna engrandecem o coração; as dignidades, os empregos lustrosos deslumbram e atordoam; mas, por pouca religião que se tenha, por pouca reflexão que se faça, poder-se-á fundar muito sobre estas imaginárias prosperidades? Aqueles que as desprezaram, aqueles heróis do cristianismo, aqueles que, a exemplo de São Paulo, olharam e apreciaram tudo isto como se fosse um pouco de esterco, enganaram-se porventura? E seremos nós prudentes, se entendemos as coisas de outra maneira que as entenderam eles?

Quem conhece a Jesus Cristo poderá pensar de outra maneira? Acaso conhecemos bem este Senhor e nos fazemos cargo de sua doutrina? Aqueles cristãos covardes, imperfeitos, aquelas almas mundanas que reputam por grandes vantagens tudo o que satisfaz a concupiscência, tudo o que lisonjeia os sentidos, tudo o que nutre o amor-próprio, reconhecem estas a Jesus Cristo por seu soberano dono, pelo árbitro de sua sorte eterna, por seu Redentor, por seu Deus e por seu Juiz? Conhecem sua lei e sua doutrina tão contrárias a tudo o que desejam e tão opostas a suas máximas e a seus costumes? Ah, meu Deus, e quão poucos fiéis, quão poucos cristãos verdadeiros se encontram quando se reflete nos costumes do século!

Vê que alto desprezo faz o apóstolo São Paulo de tudo o que embevece o coração e o espírito do mundo; grandes títulos, opulência, delícias, dignidades, tudo o compara ao lixo: *Hæc omnia arbitratus sum ut stercora.* O mesmo conceito haverão de formar destas coisas, por toda a eternidade, os bem-aventurados no céu e os condenados nas eternas chamas. Todos, assim no céu como no inferno, conhecerão a nenhuma substância das honras que nos deslumbram, o nada dos bens falsos e a vileza de tudo o que no presente nos encanta. Meu Deus! Por que não discorreremos, por que não pensaremos enquanto vivemos como havemos de pensar e como havemos de discorrer por toda a eternidade?

Todos somos discípulos de Cristo, resgatados por seu preciosíssimo sangue; pois pergunte-se cada um a si mesmo a parte que tem em sua dolorosa paixão. Represento eu em mim a imagem de sua morte? Pois, não sendo assim, devemos esperar, quando comparecermos em seu rígido tribunal, ouvir de sua boca aquelas terríveis palavras: *Discedite a me, nescio vos*: Apartai-vos de mim, que não sei quem sois, não vos conheço.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** [32] Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. [33] Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. [34] Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: [32] Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. [33] Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. [34] Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Da esmola

Primeiro ponto

Considera que a esmola em nossa religião não é de simples conselho, mas de preceito. Que erro tão grosseiro pensar que a caridade cristã é obra de supererrogação! Cristo nos intima um preceito expresso de dar esmola, e é tão rigoroso este preceito que bastará não o ter cumprido para ser reprovados de Deus e para ouvir de sua divina boca aquela formidável sentença [^1]: *Ide longe de mim, malditos, ao fogo eterno.* E por quê, Senhor? Porque tive fome e não me destes de comer; porque estava nu e não me vestistes. É certo que um Deus tão bom e tão justo nunca reprovará o homem por ter omitido seus conselhos, mas por ter violado seus preceitos. Dize agora que a esmola é um ato de pura devoção.

Em verdade vos digo [^2], acrescenta o Salvador do mundo, que tudo o que fizerdes a estes pequeninos que vedes aqui, a mim o fazeis. Depois disto, não é digno de admiração que haja pobres na Igreja de Deus a quem falte tudo? Que os haja em meio de cristãos persuadidos da verdade deste artigo, que é dos mais importantes e dos mais bem fundados de nossa religião, a saber, que se faz com Deus o que se faz com os pobres?

Podia Cristo fazer aos pobres partido mais vantajoso que pôr-se em seu lugar? Podia a divina Providência consignar-lhes fundo mais abundante para sua subsistência? E, se entre os cristãos houvesse fé, haveria entre eles homens mais felizes que os miseráveis? Não é já o pobre a quem nego a esmola, mas ao mesmo Jesus Cristo; não é já um homem vil e desprezível a quem despeço

com dureza, mas ao mesmo Autor do universo; despeço o Redentor, o Juiz soberano dos homens. Nem pensemos que, quando o pobre nos pede uma esmola, nos pede uma pura graça; pede-nos uma coisa a que tem legítimo direito e que de justiça lhe devemos.

Todos os nossos bens pertencem a Deus; são seus por direito de soberania, e lhe devemos o tributo e a homenagem deles; este tributo e esta homenagem os tem consignado à subsistência dos pobres, fazendo-os seus súditos e seus procuradores para que os cobrem em seu nome. À vista disto, parecer-te-á nada o não socorrer os miseráveis? Parecer-te-á nada o negar-lhes a esmola que lhes podes dar?

Ah, meu Deus, e quão bem compreendo agora por que não vituperareis os réprobos senão por terem negado a esmola, pois em suma é uma injúria, é uma injustiça feita a vossa pessoa, pois é uma vergonhosa impiedade, de que me reconheço e me confesso demasiadamente culpado.

Segundo ponto

Considera que a esmola é um dos sinais mais certos de predestinação, como, ao contrário, a dureza com os pobres é uma mostra visível e pouco duvidosa da reprovação eterna.

O fundamento mais sólido de nossa salvação é a misericórdia de Deus. Pois onde se cimenta melhor este fundamento que na misericórdia com os pobres [^3]? Bem-aventurados os misericordiosos, diz o Salvador, porque eles alcançarão misericórdia.

Com a medida com que medirdes, com essa sereis medidos [^4]. Dai, e se vos dará a vós com medida cheia, apertada e que transborde.

A esmola, diz Tobias [^5], purifica as almas do pecado, conseguindo-nos uma verdadeira dor de nossas culpas. Depois de tudo, dizia o Salvador, fazei esmola, e sereis purificados de vossas culpas, pela graça da conversão que vos conseguirá a esmola. *Eleemosynis peccata tua redime*, dizia Daniel [^6] ao rei: Redime com esmolas teus pecados. Certamente, entre os grandes embaraços que as riquezas trazem consigo para a salvação, a única vantagem que produzem aos ricos é que com elas podem satisfazer o que devem à justiça de Deus, repartindo-as entre os pobres. Quantos poderosos protetores, quantos finos amigos podem ganhar com elas na presença de Deus!

Bem-aventurado aquele, diz o profeta [^7], que atende às necessidades do pobre, porque não só o conservará o Senhor entre todos os perigos da vida, não só o fará feliz no mundo, mas naquele momento crítico e decisivo da eternidade o assistirá Deus de modo muito especial, livrá-lo-á dos laços e dos artifícios do inimigo! E quê, Senhor, depois de tantas seguranças de vossa liberalidade, acharão-se corações tão duros que não queiram fazer esmola!

Porventura temes que te falte a ti por socorrer os pobres? Ah, que a esmola é a que assegura os bens, a que enche as casas de abundância e a que perpetua nelas as prosperidades! É preciso ter muito pouca religião, é preciso ter um coração feito às avessas para ter pouca caridade com os

pobres.

Meu Deus, grandíssima dor é a minha por ter conhecido até aqui tão pouco e tão mal a poderosa virtude de um meio tão eficaz para salvar-me. Se não me acho em estado de dar muito, espero que tomareis em conta minha boa vontade e o desejo de servir-vos e de honrar-vos na pessoa dos pobres. Será possível, Senhor, que, podendo fazer-vos bem fazendo-o a eles, duvide sequer um ponto em executá-lo?

Jaculatórias

> *Beatus qui intelligit super egenum et pauperem.* Sl 40.

Bem-aventurado aquele que olha com compaixão o pobre e o necessitado.

> *Qui dat pauperi, non indigebit.* Pr 28.

Nunca padecerá necessidade quem socorre as necessidades do pobre.

Propósitos

1. Queres deixar muitos bens a teus filhos, passar os dias de tua vida com a maior abundância, perpetuar o fruto de teus suores e de tua indústria, assegurar a prosperidade até uma longa e ditosa posteridade? Pois dá toda a esmola que puderes, sê liberal com os pobres, abre a bolsa aos necessitados. Poucos preceitos há mais positivos, e poucas recompensas há mais seguras. A esmola não só não empobreceu pessoa alguma, mas seguramente se pode dizer que mal há fortuna bem cimentada, mal há longa prosperidade que não seja a recompensa da caridade dos filhos ou da de seus pais. Faze firme propósito desde hoje de não deixar passar dia algum sem santificá-lo com alguma esmola. Tens bens de fortuna? Paga o dízimo a teu Deus, olhando os pobres como a arrecadadores de suas rendas. Estás impossibilitado de dar esmola? Pois ao menos honra os pobres, serve-os, consola-os, alivia-os segundo a possibilidade de teu estado. Se tivéssemos verdadeira fé, fé viva e cheia de atividade, a poucos olharíamos com mais respeito que aos pobres, porque veríamos sempre em sua pessoa a imagem de Jesus Cristo.

2. Regula as esmolas segundo teus bens e tuas rendas. Que hás de dar aos pobres, se só pensas em fazer esmola do que te sobra? Pouquíssimos são os que creem que lhes sobra algo. Os que mais gastam no jogo, em joias, em móveis, em equipagens e em banquetes são de ordinário os que fazem menos esmola. Depois disso, por que nos admiramos daquelas revoluções de fortuna

que sepultam no pó os que não quiseram pagar a Deus o tributo de seus bens? Determina a ponto fixo o que hás de dar todos os anos, todos os meses, todas as semanas e todos os dias àquele Senhor de quem esperas tudo e a quem deves esses bens e essa vida. Se os tempos forem desgraçados, por isso mesmo hás de ser mais caritativo; esse é o meio de sentir menos seus efeitos. Os muitos filhos e outras muitas razões domésticas devem sim reformar os gastos na profanidade, nas diversões e no jogo, mas nunca nas esmolas. Se tivesses oito filhos e Deus te desse o nono, não o abandonarias? Pois põe em seu lugar a Jesus Cristo e gasta com os pobres o que havias de gastar com esse nono filho. Deixa de jogar, e o que a teu parecer podias perder hoje no jogo emprega-o em esmolas. Tens vontade de comprar uma joia que não te faz falta, de ter um dia de campo com quatro amigos, de fazer um gasto de pura vaidade ou por capricho? Pois priva-te desse gasto e dá o que te havia de custar a quem to pode restituir ou recompensar com uma correspondência cem vezes dobrada. Poucas comunidades, e ainda poucas famílias particulares, se acharão que não possam socorrer algum pobre, a quem talvez se deixa perecer por negligência ou por esquecimento. Enfim, hás de ter sempre em tua casa o tesouro dos pobres, isto é, uma bolsa em que, sempre que cobrares parte de tuas rendas ou de ganhos que fizeres com o comércio, hás de meter alguma coisa. Este fundo deve ser independente das esmolas ordinárias; e se chamará o tesouro dos pobres, porque está destinado a assisti-los extraordinariamente em suas necessidades.

[^1]: Mt 25. [^2]: Mt 25 (o OCR traz apenas «Id.»). [^3]: Mt 15 (OCR; provavelmente Mt 5,7 — conferir). [^4]: Lc 6 (OCR: «Luc. 0.»). [^5]: Tb 12. [^6]: Dn 4. [^7]: Sl 45 (OCR; a numeração da Vulgata para esta passagem é Sl 40 — conferir).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:27 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:27 by Admin